**INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ**

**LICENCIATURA EM FILOSOFIA**

FRANCISCO ADRIANO BORGES DE SOUSA

# ***PHRONESIS* E A VIDA FELIZ EM ARISTÓTELES:** uma reflexão a partir da obra *Ética a Nicômaco*

TERESINA

2016

FRANCISCO ADRIANO BORGES DE SOUSA

# *PHRONESIS* E A VIDA FELIZ EM ARISTÓTELES: uma reflexão a partir da obra *Ética a Nicômaco*

Monografia apresentada ao Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí – ICESPI como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Filosofia. Orientadora: Profª. Ms. Maria dos Santos Silva Lopes.

Cód. 5868
100
S725p
Ex.01

TERESINA

2016

ICESPI Biblioteca
12154 16/10/19

FRANCISCO ADRIANO BORGES DE SOUSA

***PHRONESIS* E A VIDA FELIZ EM *ARISTÓTELES:*** uma reflexão a partir da obra *Ética a Nicômaco*

Monografia apresentada ao Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí – ICESPI como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Filosofia. Orientadora: Profª. Ms. Maria dos Santos Silva Lopes.

Aprovada em ___/___/___

Banca Examinadora:

_____

Profª. Ms. Maria dos Santos Silva Lopes
Orientadora

_____

Examinador(a)

_____

Examinador(a)

## DEDICATÓRIA

Aos meus pais, que sempre acreditaram em meu potencial que me ensinaram com simplicidade que o estudo e uma das coisas mais importantes que alguém pode ter na vida.

Aos meus irmãos e amigos que estiveram comigo neste processo de caminhada acadêmica;

Ao Exmo. Revmo. Dom Jacinto Furtado de Brito Sobrinho, Arcebispo da Arquidiocese de Teresina.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por esta conquista alcançada, ele que sempre esteve comigo. Compartilho minha gratidão com meus amigos e familiares que sempre me deram força e apoio, em especial à minha mãe Francisca Borges do Nascimento, que lutou e rezou bastante para que esse momento se realizasse, sempre com o seu amor incondicional; ao meu pai, Francisco das Chagas, pelo apoio e instrução que foram importantes nos momentos difíceis, aos meus irmãos Geygson, Geilane e Adriana pelo apoio.

Ao meu pároco, padre Tertuliano Alves de Mello, pela sua simplicidade e confiança à minha pessoa, sempre disponível para dar um sábio conselho; aos meus formadores do seminário, em especial ao padre Aerton Marcos, pela disponibilidade e oportunidade a mim confiada, que com o seu silêncio sempre me educa e inspira; ao meu Bispo D. Jacinto, que sempre se mostrou zeloso e preocupado com a minha formação. Muito obrigado, vocês são importantes para mim!

Aos meus mestres em especial à minha orientadora, Ir. Maria dos Santos Silva Lopes, pela dedicação, instrução e compromisso para com a minha formação, e aos meus amigos de turma pela amizade construída e pelo companheirismo!

*Quanto à virtude, não basta conhecê-la, devemos tentar também possuí-la e coloca-la em prática.*

Aristóteles

## RESUMO

Este trabalho monográfico tem como escopo fazer uma reflexão sobre a *phronesis* e a vida feliz em Aristóteles, a partir de *Ética a Nicômaco*. Aristóteles compreende a *phronesis* como uma virtude intelectual prática mediante a qual o indivíduo racionalmente calcula e reflete suas ações, julgando-as enquanto boas para se alcançar um fim. Para o Estagirita a alma possui duas partes: racional e irracional, assim como, as virtudes são morais e intelectuais que também são relacionadas entre si. O Estagirita, ao defender que o bem supremo do ser humano é a felicidade, situa o agir racional, como busca para alcançar esse bem superior. Aristóteles também se pergunta sobre o que é a vida boa ou feliz, por isso, ele destaca três formas de vida que todo ser humano busca a vida baseada no prazer, na política e na contemplação. Por ser a política a ciência por excelência, ela é sabedoria prática ou *phronesis*: a virtude moral e racional que delibera corretamente em cada situação. Por isso, o ser humano feliz é aquele que dirige seus atos pela virtude moral acompanhada da virtude intelectual. A felicidade, portanto, é a principal atividade do indivíduo e a *phronesis* é um dos meios para se alcançar a felicidade.



**Palavras-chaves: Aristóteles, *phronesis*, virtudes, felicidade**

## RESUMEN

Este trabajo monográfico tiene como objetivo hacer una reflexión sobre la *phronesis* y la vida feliz en Aristóteles, partiendo de la *Ética* a Nicómaco. Aristóteles entiende la *phronesis* como una virtud intelectual, práctica por la cual el individuo racionalmente calcula y refleja sus acciones, juzgándolas en cuanto buenas para lograr un fin. Para el Estagirita el alma posee dos partes: racional e irracional, así como, las virtudes son morales e intelectuales que también están vinculadas. El Estagirita, al abogar que el bien supremo del ser humano es la felicidad, ubica la acción racional, como búsqueda por alcanzar a este extremo bien superior. Aristóteles también se pregunta sobre lo que es la vida buena o feliz, por eso, él destaca tres vías de vida que todo el ser humano busca la vida basada en el placer, en la política y en la contemplación. Siendo la política la ciencia por excelencia, ella es sabiduría práctica o *phronesis*: la virtud moral y racional que decide correctamente en cada situación. Por eso, el ser humano feliz es aquel que dirige sus actos por la virtud moral acompañada de la virtud intelectual. La felicidad, por lo tanto, es la actividad principal del individuo y la *phronesis* es uno de los medios para alcanzar la felicidad.



**Palabras clave: Aristóteles, *phronesis*, virtudes, felicidad**

SUMÁRIO

**1 INTRODUÇÃO** ..... **10**

**2 O CONCEITO DE *PHRONESIS* EM ARISTÓTELES NO LIVRO VI DA OBRA *ÉTICA A NICÔMACO*** ..... **14**
**2.1 A virtude aristotélica** ..... 14
**2.2 As virtudes morais** ..... 17
**2.3 As virtudes intelectuais** ..... 18
**2.3.1 A *phronesis* aristotélica** ..... 20
**2.4 A relação da *phronesis* com as virtudes morais e como meio de vida boa** ..... 22

**3 A VIDA BOA PARA ARISTÓTELES** ..... **25**
**3.1 A felicidade segundo Aristóteles** ..... 25
**3.2 A vida em busca do prazer** ..... 27
**3.3 A vida política** ..... 29
**3.4 A vida contemplativa** ..... 31

**4 A IMPORTÂNCIA DA *PHRONESIS* PARA ALCANÇAR A FELICIDADE.** ..... **33**
**4.1 A forma de entender a *phronesis*** ..... 33
**4.2 Relação das virtudes morais e intelectuais com a felicidade.** ..... 35
**4.3 A *phronesis* como meio para alcançar a felicidade.** ..... 38

**5 CONCLUSÃO** ..... **42**

**REFERÊNCIAS** ..... **45**

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo fazer uma reflexão sobre a *phronesis* e a vida feliz em Aristóteles baseada na obra *Ética a Nicômaco*.

A reflexão sobre a *phronesis* e a felicidade em Aristóteles tem perpassado a história da humanidade. Com ela outras questões, tais como a racionalidade prática, conduta humana ou agir moralmente foram objeto de estudo, principalmente para alguns pensadores da Antiguidade entre eles o filósofo Aristóteles. Diversas questões foram levantadas e ganhando lugar, tornando-se objeto de grandes discursões no meio filosófico. E a *phronesis* aparece no meio dessas discursões como sendo uma virtude, uma sabedoria prática que contribui para agir e decidir de maneira correta.

Aristóteles é visto como um dos grandes pensadores da filosofia antiga. Sua proposta filosófica influenciou e continua a influenciar várias vertentes filosóficas, especialmente no âmbito da lógica, da metafísica, da política e da ética, entre outras. Sua obra *Ética a Nicômaco*, ele a publicou em vida, e é relevante porque se trata de uma obra pedagógica, foi dedicada a seu filho Nicômaco com o intuito de auxiliá-lo na sua educação. "A *Ética a Nicômaco* é sem dúvida uma das obras aristotélicas mais lidas e analisadas entre os estudiosos da filosofia" (CERQUEIRA, 2014, p. 17). É uma obra que tem como escopo tratar sobre as questões de caráter ético como as virtudes humanas, o agir de maneira correta e como ser feliz. Contudo neste trabalho não iremos refletir sobre todos os temas abordados na obra, como por exemplo, a amizade, a justiça, a equidade, dentre outros, por isso, selecionamos os temas que esclarecem a importância da *phronesis* como meio de alcançar a felicidade.

Vamos discutir alguns aspectos da filosofia do Estagirita, descrevendo sua proposta para a melhor compreensão do agir humano e de sua reflexão sobre as virtudes, expondo a defesa aristotélica do escolher bem as coisas. Para tanto, evidenciaremos as virtudes morais e as intelectuais em sua importância para o viver bem e do bem agir. Aristóteles é tão conhecido pela sua vasta produção filosófica, que aqui se refletirá somente sua proposta sobre o caráter ético do comportamento humano, numa perspectiva filosófica.

O empenho em desenvolver este trabalho se justifica pela necessidade de se refletir o valor que a *phronesis* possui na vida do ser humano, auxiliando na hora de uma decisão e também de se ter uma vida feliz. No decorrer do tempo foi possível ter um contato maior com a ética aristotélica, de modo especial com as virtudes, então surgiu o desejo de conhecê-las um pouco mais. Este trabalho é importante, não apenas para estudantes de filosofia, mas para

todos aqueles que se interessam em investigar o modo de pensar e ver o homem em suas atitudes éticas como também analisar os fundamentos que guiam a sua boa escolha.

Aristóteles logo no início da obra deixa claro que toda ação que praticamos, é em vista de um bem. Ele quer nos mostrar como o ser humano deve viver e o que deve fazer para alcançar o bem. No entanto o Estagirita nos diz que existem muitos bens, mas só que existe um que é maior e mais superior que todos, é um bem que é a finalidade última da existência humana. Este bem supremo que é o fim último do indivíduo, ele vai dizer que é a felicidade ou a *eudamonía.*

Aristóteles deixa explícito que o bem supremo é a felicidade ele diz que o caminho para encontrar esse bem passa por uma função que o ser humano precisa desenvolver, assim como o flautista tem a função que é de tocar flauta, todas as outras coisas também têm uma função, mas o ser humano tem uma função que lhe é única e exclusiva. Procurando essa função olha para as plantas e vê que elas participam da vida, mas os seres humanos também participam então ele olha para os animais e vê que os animais sentem sensação, mas o indivíduo também sente. Para Aristóteles qual seria a função única e exclusiva do indivíduo? Seria uma atividade da alma que pressupõe o uso da razão, seria o pensar, o refletir. Esse pensar é a caraterística fundamental do ser humano e toda vez que este executar de modo excelente, ou seja, com virtude essa sua característica está garantindo a felicidade.

Pensar a *phronesis*, em favor da felicidade é possível, Aristóteles afirmou que o princípio responsável por guiar as escolhas humanas e conduzi-las para um fim bom é a *phronesis*. Ela permite ao homem deliberar corretamente e agir de forma virtuosa. A *phronesis* é a virtude que torna o ser humano uma pessoa boa, pois lhe permite dominar os desejos e corrigir o raciocínio. A *phronesis* delibera justamente sobre os desejos, mas ela coloca os meios, pois o prudente sempre fará o uso da razão para escolher algo, dominado assim seu desejo e procurando sempre o melhor, porque a *phronesis* é um saber prático que orienta a vida humana de forma correta.

Aristóteles aponta a *phronesis* como disposição prática. Veremos cuidadosamente os argumentos que guiam a virtude, e como ela é fundamental na elaboração do meio-termo. A *phronesis* sendo essa disposição prática e que serve de víeis para escolher bem se apresenta como, uma virtude. Percebendo isso surgiu o problema: Sob que medida Aristóteles defendeu a *phronesis* como um dos meios para se alcançar a felicidade?

A partir disso, propormos desenvolver a discursão sobre a *phronesis* como uma virtude que auxilia a ação humana proporcionando felicidade. Ela é um meio prático que

conduz para um fim bom, nesse caso consideramo-a como um caminho para alcançar a felicidade. Uma das funções da virtude é conduzir o ser humano a felicidade, tendo como fundamento seu princípio racional. E a *phronesis* é uma virtude da razão, pois o que se espera de um indivíduo virtuoso que coloca a sua racionalidade em prática é que ele seja feliz. Assim apresentaremos a *phronesis* como uma virtude que visa ao bem supremo que é a felicidade.

Para realizarmos a presente monografia seguimos as etapas da produção científica a partir da pesquisa bibliográfica, considerando os seguintes passos metodológicos: reunião das obras acessíveis que tratam do tema, leitura dos textos, fichamento do conteúdo e referencias significativas que contribuíram para elaboração final do texto. Foram colocados à disposição textos que permitem compreender a figura de Aristóteles e, por conseguinte, o contexto filosófico no qual ele esteve inserido, sua postura diante da atividade filosófica, as questões e as soluções a que o mesmo chegou. Contudo utilizamos ainda produções acadêmicas que se detêm sobre esse tema, com o objetivo de enriquecer a reflexão proposta pelo trabalho monográfico.

Este trabalho monográfico encontra-se dividido em três capítulos. No primeiro capítulo, refletiremos sobre o conceito de *phronesis* como uma capacidade racional prática que delibera bem diante das circunstâncias, veremos que o Estagirita reconhece que há duas partes na alma humana uma irracional e outra racional. Depois veremos divisão das virtudes em morais e intelectuais. Feito isso faremos uma explanação a respeito dessas virtudes e veremos que a excelência irracional nós a adquiramos pelo hábito, pela prática, estas virtudes são encontradas entre dois vícios um por excesso e outro por falta, ela está localizada no meio dos dois, é uma mediania. Já as virtudes intelectuais são apreendidas través do ensino, da instrução elas se distinguem em teóricas e práticas. Destacaremos de maneira especial a *phronesis* ou prudência que é uma virtude intelectual prática, que diz respeito à ação humana. A *phronesis* é muito importante para a ação prática porque é uma virtude da razão que calcula, que delibera sobre coisas variáveis, buscando os melhores meios para atingir o fim. Depois mostraremos a relação da *phronesis* que é uma virtude intelectual com as virtudes morais veremos que ambas precisam uma da outa, mesmo sendo diferentes elas atuam juntas e apresentaremos ainda a importância da *phronesis* como meio de vida boa.

No segundo capítulo trataremos sobre o conceito de felicidade segundo Aristóteles, depois vamos procurar compreender o que o Estagirita entende por vida boa, feliz. Refletiremos sobre três formas de vida que o próprio Aristóteles nos apresenta que é a vida fundamentada no prazer, na política e na contemplação. A vida baseada no prazer será muito

pouco para trazer a verdadeira vida boa; a vida política como sendo um cidadão da polis, exercendo seu trabalho com dignidade e justiça é uma vida boa, traz prestígios, honras, reconhecimento, fama, mas isso também não é tudo para garantir a melhor vida; por último apresentaremos a vida contemplativa, esta sim será uma das melhores formas de vida que podemos encontrar, porque é aqui que ser humano coloca em prática aquilo que ele tem de melhor a razão.

No terceiro e último capítulo analisaremos o modo que temos de entender a *phronesis* segundo Aristóteles. Depois faremos uma relação das virtudes morais e intelectuais com a felicidade, que é o fim último do ser humano, mostrando qual é a verdadeira função do indivíduo. E por fim ressaltaremos a importância da *phronesis* como um meio para alcançar a felicidade.

# 2 O CONCEITO DE *PHRONESIS* EM ARISTÓTELES NO LIVRO VI DA OBRA *ÉTICA A NICÔMACO*

Aristóteles aponta a *phronesis* como disposição prática em que o homem pode racionalmente fazer uma boa escolha, como uma virtude, uma sabedoria e como um meio para alcançar a vida boa, por isso neste primeiro capítulo refletiremos sobre o conceito de *phronesis* de acordo com a proposta de Aristóteles. Veremos que para chegar ao conceito de *phronesis* o Estagirita desenvolve primeiramente o que são as virtudes e como elas são divididas. Observaremos que ele irá colocá-la como uma virtude que precisa ser buscada e desenvolvida, porque através dessa virtude o indivíduo terá uma melhor capacidade de escolher corretamente. Depois mostraremos a relação da *phronesis,* uma virtude intelectual com as outras virtudes morais, e sua importância na ação humana como sendo um meio-termo, um bem que evita os excessos e os vícios.

## 2.1 A virtude aristotélica

Para refletirmos sobre a *phronesis* como um meio para alcançar a felicidade procuraremos inicialmente entender algumas noções a respeito da alma e das virtudes aristotélicas. Aristóteles considera a *phronesis* uma virtude, mas para chegar às virtudes ele faz primeiramente uma divisão da alma dizendo que esta têm duas partes, a alma racional e a alma irracional, mas, o fato de serem partes diferentes não implica que sejam separadas ou indivisíveis. Na alma há uma unidade elas apenas se separam para realizar as funções que compõem cada uma delas (SILVA, 2008, p. 22). Nesse caso, a alma irracional, mesmo não sendo dotada de razão, tem capacidade de obedecer à alma racional, se fossem separadas por completo não haveria uma escuta por parte da alma irracional para com a alma racional, como afirma Aristóteles: [1]

> Existe na alma uma parte irracional e outra dotada de razão se essas partes são distintas como o são as partes do corpo ou de qualquer outra coisa divisível, ou se embora distinguíveis na definição como duas, são na

---

[1] Neste trabalho correntemente usaremos a obra *Ética a Nicômaco*; usaremos a tradução de Edson Bini, 2014 da Editora Edipro, e quando nos referirmos a ela citaremos apenas "EN", indicando o livro o capítulo e o número que indica sua localização. Ex: EN I, 6 1096a. 5.

> realidade inseparáveis, como o convexo e o côncavo de uma curva (EN I, 13 1102a. 30).

Percebemos aqui que mesmo diferindo uma parte da alma da outra, tem algo que faz com que essas partes não sejam separadas por completo.

> A parte irracional da alma humana, na qual se enraízam as paixões/emoções, não pode guiar sozinha a ação é o fato de ela não existir e não pode ser pensada separadamente. [...] A unidade ou harmonia entre as partes irracionais e racional da alma é garantida pela atividade do *nous*, que é a atividade mais elevada da alma humana, cuja caraterística é a intencionalidade ou orientação para os fins propostos pela realidade (PERINE, 2006, pp. 101-102).

Aristóteles em seu acurado estudo dividiu as virtudes da alma e com essa mesma divisão classifica também as virtudes em morais e intelectuais, as intelectuais são adquiridas através do estudo, do ensino, necessitando experiência e tempo; as morais são concebidas através do esforço, dos hábitos, o Estagirita diz que essa virtude moral não é gerada em nós pela natureza e nem contra a natureza, mas esta se adapta e recebe-a, para que o indivíduo se torne perfeito pela sua prática (EN II, 1 1103a. 15-20). Para que essa divisão tenha maior clareza do que são as virtudes morais e o que são as virtudes intelectuais podemos observar e destacá-las assim:

> Aristóteles faz a dedução dos tipos de virtude a partir das partes da alma. O Estagirita divide a alma em três partes, duas irracionais, isto, é a alma vegetativa ou nutritiva e a alma sensitiva, e uma racional, a alma intelectiva. E dado que cada uma dessas partes tem a sua atividade peculiar, cada uma tem uma peculiar virtude ou excelência. A parte irracional da alma parece comum a todos os seres vivos e é de natureza vegetativa. Divide, portanto, as virtudes em duas classes, as quais correspondem às partes da alma. As virtudes éticas correspondem à parte irracional e as virtudes *dianoética*, à parte racional (NODARI, 1997, pp. 391-392).

Aristóteles afirma que no interior dessa subdivisão temos uma parte que compreende um princípio racional, o qual se divide em uma parte que contempla as coisas como são determinantes, invariáveis não mudam e outra que contempla as coisas variáveis que mudam. A parte racional que entende o essencial ele chamou de científica e a parte irracional que entende o relativo de calculadora. Aristóteles diz que "deve-se determinar, portanto, qual é o melhor estado de cada uma dessas partes, pois esse estado será a virtude de cada uma delas" (EN VI, 1 1139a, p. 5-15).

Vamos agora definir o conceito de virtude para Aristóteles, ele vai chegar à definição de virtude observando e fazendo uma análise do comportamento humano ele considera que "alojados na alma estão as paixões, as faculdades e os estados, de modo que a virtude tem que ser uma dessas três coisas" (EN II, 5 1105b. 20).

As paixões seriam os apetites e os sentimentos que provocam dor e prazer; as faculdades são as capacidades que temos de ser influenciados pelas paixões, de sentir ira ou magoa, por exemplo. Já os estados seriam a forma de agir que temos com relação às paixões. Aristóteles observando que a alma tinha essas três formas de manifestar-se, chega à conclusão de que tanto as virtudes quanto os vícios não podem ser de modo algum compreendido como paixões e nem como faculdades visto que:

> As virtudes e os vícios não são paixões porque não somos classificados de bons ou maus segundo nossas paixões; essa classificação é determinada por nossas virtudes e nossos vícios; tampouco somos louvados ou censurados por conta de nossas paixões (alguém não é louvado por estar amedrontado ou irado, censurado simplesmente por estar irado, mas por estar irado de uma certa maneira); somos louvados e censurados por nossas virtudes e vícios. Por idênticas razões também não são faculdades, uma vez que não dizem de nós que somos bons ou maus, ou somos louvados ou censurados simplesmente por nossa capacidade de experimentar a paixão. (EN II, 5 1105b. 30 - 1106a. 5).

Desta forma o Estagirita chega à conclusão que as virtudes não sendo paixões e nem faculdades são estados, ou seja, seria o modo pelo qual o indivíduo ser comporta diante das emoções, ele vai mostrar realmente como podemos de fato praticar essas virtudes. Primeiramente ele deixa bem claro que só a própria virtude em si mesma não tem condições de transformar o indivíduo em bom, mas ela é o víeis que ajudará o homem a executar bem a sua ação, sua conduta. O homem virtuoso, para Aristóteles, sempre fará o uso da razão para fazer escolhas, porque suas atitudes sempre vão estar apoiadas na mediania e não nos excessos e na falta, assim o Estagirita afirma que:

> A virtude é um estado que leva à prévia escolha e que consiste na mediania relativa a nós, sendo isso determinado pela razão, isto é, como a pessoa dotada de prudência o determinaria. É uma mediania entre dois vícios, um em função do excesso e outro em função da deficiência. Acresça-se que é uma mediania em que, enquanto os vícios carecem ou se excedem no que é certo tanto nas paixões quanto nas ações, a virtude encontra por prévia escolha a mediania. (EN II, 6 1107a.5).

Esta passagem traduz de forma sintética o que o filosofo entende por virtude. Elas dizem respeito à escolha, ao equilíbrio que guia o caráter do indivíduo pelo bom uso da razão. Seria um absurdo buscar a mediania entre os vícios e os excessos, pois um indivíduo que se utiliza da razão, que tem uma sabedoria prática, sabe fazer escolhas com as coisas que tem maior ou menor qualidade em relação a ele mesmo. Por isso só podemos encontrar a virtude na justa medida ou meio-termo.

## 2.2 As virtudes morais

Aristóteles deixou bem claro que estas virtudes não se constituem em nós de forma natural, ou seja, pela própria natureza, porque nada do que existe por natureza pode ser alterado pelo hábito.

> Nada que seja natural é passível de ser alterado pelo hábito. Por exemplo, a pedra, cuja natureza é mover-se para baixo, não pode, por força de ser habituada, mover-se para cima, ainda que nos dispuséssemos a tentar habituá-la a fazê-lo lançando-a para cima dez mil vezes; nem pode o fogo ser habituado a mover-se para baixo e tampouco qualquer outra coisa que naturalmente se comportar-se de uma outra maneira (EN II, 1 1103a.15-20).

No entanto, mesmo que essas virtudes não sejam algo natural ou inata não são contra a natureza do ser. O indivíduo adquire essa capacidade prática, pela ação; tornamo-nos justos e moderados pela prática de atos justos e moderados. Essas virtudes são adquiridas pelo exercício, "homens se tornam construtores construindo e se tornam tocadores de lira tocando lira. Analogamente, é a realização de atos justos que nos torna justos, a de atos moderados que nos torna moderados, a de atos corajosos que nos torna corajosos" (EN II, 1 1103a. 30). Elas são aprendidas através do hábito, vão sendo desenvolvidas e aperfeiçoadas na prática, na repetição.

A virtude precisa ser desenvolvida, o próprio Aristóteles concebe a virtude como um hábito que vai se progredindo e se solidificando dia após dia no agir humano. Segundo (WOLF, 2010 p.67), executando fixamente as mesmas ações vamos nós tornando hábeis, por exemplo, na construção construindo, nas ações retas repetindo atos retos, nesta perspectiva entendemos que a virtude está no hábito. O Estagirita vai dizer que com a virtude acontece a mesma coisa, é através do hábito, das ações virtuosas que vamos nos tornando virtuosos.

Segundo Aristóteles, estas virtudes estão relacionadas com as ações e as paixões. Não pode haver virtude entre o excesso ou falta, porque ela se encontra justamente como uma

mediania entre esses dois vícios um por excesso e o outro é por falta. Compreendemos que a virtude moral é uma disposição de caráter para escolher bem, consiste em uma meidania em relação a nós, a qual é deliberada de forma racional. Essa virtude nos dá a capacidade e disposição de controlar bem as nossas ações diante das paixões, ela nos modera para agirmos de forma acertada em determinadas situações. Eis o exemplo da mediania:

> É fato o excesso de exercícios bem como a deficiência destes arruínam o vigor; do mesmo modo, tanto a bebida e o alimento em demasia quanto a falta destes, arruínam a saúde, quando em proporção adequada a produzem, aumentam e preservam. O mesmo acontece em relação à moderação, à coragem e às outras virtudes. Aquele que, tomado pelo medo, de tudo foge e nada suporta se torna um covarde, ao passo que aquele que não experimenta medo diante de coisas alguma e tudo enfrenta se torna um temerário. Do mesmo modo, aquele que se curva a todos os prazeres e não se refreia diante de nenhum se converte num licencioso. Por outro lado, quem se afasta de todos os prazeres, como os indivíduos rudes, se torna um indivíduo insensível. Assim, a moderação e a coragem são destruídas pelo excesso e pela deficiência e preservadas pela mediania (EN II, 2 1104a. 15-25).

Percebemos que a falta ou o excesso devem ser evitados, um sentimento ou uma conduta, sendo deficiente ou excessiva, torna-se um vício. O excesso ou a falta de exercício levam o corpo à fragilidade, da mesma forma ocorre com as virtudes. Estar no meio termo é essencial para alcançarmos a justa medida de todas as nossas ações, é importante nunca se deixar levar pelos excessos nem pela falta, porque ambos trazem o erro, o correto é sempre buscar o equilíbrio, estar na mediania. Não existe virtude quando tem excesso ou falta, quando tem muito ou pouco, só podemos encontrar a virtude na justa proporção que é o meio termo, entre dois extremos. Aristóteles não quer nada em excesso, por isso coloca a doutrina do meio temo que é tanto a ausência de excesso como de falta, e é justa medida, como regra suprema da ação moral do indivíduo.

Entre essas virtudes morais nós podemos destacar a coragem, a temperança, a liberalidade, a magnificência, o justo orgulho, a calma, a veracidade, a espirituosidade, a modéstia e a justiça.

**2.3 As virtudes intelectuais**

Biblioteca
13154 16/10/19

Além das virtudes morais, existem as virtudes intelectuais, que são características da parte mais elevada da alma. Sabemos que essas virtudes são introduzidas pelo ensino, pela instrução exigindo tempo e experiência elas fazem parte da alma racional, são virtudes da razão. A alma possui duas funções e em cada uma dessas encontramos uma virtude que vai ajudar a observar e compreender aquilo que é variável e invariável em cada uma delas. Assim podemos compreender essas virtudes:

> Acima das virtudes ética, segundo Aristóteles, estão as virtudes da parte mais elevada da alma racional, chamadas virtudes *dianoéticas*, virtudes intelectuais ou virtudes da razão. Pois bem, duas são as partes ou as funções da alma racional. A parte científica (intelecto especulativo) tem a ciência como objeto. A parte calculativa opinativa (intelecto prático) tem o contingente por objeto. Assim, a primeira conhece as coisas necessárias e imutáveis; permite-nos contemplar as coisas cujos primeiros princípios são invariáveis. A segunda conhece as coisas variáveis e mutáveis; permite-nos contemplar as coisas passíveis de variação (NODARI,1997, p. 395).

Essas duas funções da alma racional têm como função especifica a verdade, a parte científica (teórica) tem como função a verdade pura simples, isto é, o simples conhecimento de como são as coisas, é um pensamento cujo fim é contemplar. A parte calculativa (prática) tem como função a verdade prática, isto é, perceber a verdade em conformidade com um desejo correto, é um pensamento imbuído de desejo, que coloca os meios para obter um fim. Assim Aristóteles chega à conclusão e "diz que a virtude da razão prática é a prudência, sabedoria prática (*phronesis*), enquanto a virtude da razão teórica é a sabedoria, (*sophia*)" (NODARI, 1997, p.396).

Entre essas virtudes intelectuais vamos nos deter e refletir de forma mais enfática sobre a *phronesis*, esta é chamada também de prudência. A *phronesis* é a mais elevada virtude da parte calculativa da alma racional ou razão prática. Ela tem a capacidade de deliberar bem, de calcular os meios necessários para alcançar um fim bom, pertence à parte da razão que tem por objeto as realidades que podem ser diferentes. A *phronesis* ou prudência é um saber prático que dirige a vida do indivíduo de maneira correta.

Assim como Aristóteles definiu a virtude ética como um hábito, ele defini a intelectual também como um hábito que tem em vista a verdade de uma ação a ser realizada. O certo é que tanto a excelência ética quanto a excelência *dianoética* contribuem para que o indivíduo aperfeiçoe a sua ação.

### 2.3.1. A *phronesis* aristotélica

Depois de falarmos um pouco sobre as virtudes morais e intelectuais, vamos expor um pouco mais o que é realmente a *phronesis.* No livro VI, da obra *Ética a Nicômaco*, Aristóteles demonstra que devemos escolher o meio termo, e que esse meio-termo é guiado pela reta razão. Para se ter mais clareza desse pensamento, o Estagirita elabora um trabalho minucioso a cerca do que constitui essa relação. "Diante da afirmação anteriormente apresentada de que se deve escolher a mediania e não o excesso nem a deficiência, e que a mediania é determinada pela reta razão, cabe-nos analisar tal coisa" (EN VI, 1 1138b. 20).

Analisando o correto exercício sobre a virtude de uma determinada coisa, Aristóteles, diz que "a virtude de uma coisa está vinculada à função que lhe é própria. Há três coisas na alma que têm o controle da ação e da verdade: percepção sensorial, intelecto, desejo" (EN VI, 2 1139a. 15-20).

> Sobre estas o princípio ou causa da ação é a decisão[...] que inclui desejo de um fim e cálculo de meios para alcançá-lo[...], o princípio ou causa da decisão é obra de um intelecto desejante [...] unido a um desejo refletido e essa complexidade é justamente o homem (PERINE, 2006, p. 23).

Percebemos aqui a ação do homem de virtude, pois a virtude moral é um estado que está relacionado com a escolha. Mas Aristóteles põe algumas circunstâncias para que a escolha seja a correta; que tanto a racionalidade quanto o reto desejo ambos devem ser verdadeiros [...] e o segundo deve buscar exatamente o que afirma o primeiro. É aqui que acontece a ação que Aristóteles denominou de *phronesis*, ele diz: que "este tipo de intelecto de verdade é a prática" [...] desta parte prática e racional o bom estado é a uniformidade da verdade com o correto desejo (EN VI, 2 1139a. 25-30). A *phronesis* é uma virtude intelectual que ocorre na ação. "A phronesis é como que uma sabedoria prática, sabedoria da ação, para a ação, na ação" (COMTE-SPONVILLE, 2009, p. 39) ela fundamenta a razão prática.

Com relação à possibilidade dessa escolha depende o uso da *phronesis*, entendida pelo Estagirita como uma "capacidade racional genuína que diz respeito à ação relativamente às coisas que são boas e más para os seres humanos" (EN VI, 5 1140b. 5).

No entanto, este homem virtuoso que a partir da *phronesis* delibera bem, o faz não por ter um sistema montado do que sejam as virtudes morais, mas por usar a razão e fazer bem as escolhas.

> O indivíduo bom é capaz de julgar corretamente a cada classe de coisas, e a verdade se revela a ele em cada uma. Coisas peculiares são nobres e aprazíveis correspondentemente indivíduo bom é o fato de ele contemplar a verdade em cada disposição, como se ele próprio fosse a regra e a medida (EN III, 4 1113a. 30).

A compreensão da *phronesis* se dá justamente como uma sabedoria prática, pois

> A *phronesis* não é nem ciência, nem arte, mas um estado habitual verdadeiro, raciocinado ou cognitivo, que dirige a ação e tem por objeto as coisas boas e más para o homem[...], ou um estado habitual raciocinado, cognitivo, verdadeiro, que tem por objeto os bens humanos e que dirige a ação (PERINE; 2006, p. 25).

A partir disso, vê-se que a *phronesis* é caminho que orienta para um fim bom, ou seja, é meio prático, não há dúvida de que, para Aristóteles, a decisão se dirige aos meios, mas é igualmente certo que ela se dirige aos meios para melhor alcançar o fim. No entanto meio e fim, são duas ações intrínsecas no *phronismo.*

> A doutrina aristotélica da *proaresis* não autoriza nenhuma separação na consideração dos meios e do fim da ação humana, mas compreende os meios-para-o-fim e o fim-para-os-meios como um todo, para que a decisão seja virtuosa, isto é, fruto de um pensamento verdadeiro e de um desejo reto. (PERINE, 2006, p.24).

Uma vez entendida a *phronesis* como meio e meio para escolha de algo que seja bom, consideramo-a como caminho para se atingir a felicidade. De fato, Aristóteles conceitua a virtude do homem como sendo:

> Um estado que leva à prévia escolha e que consiste na mediania relativa anos, sendo isso determinado pela razão, isto é, como a pessoa dotada de prudência o determinaria. É uma mediania entre dois vícios, um em função do excesso e outro em função da deficiência. Acresça-se que é uma mediania em que, enquanto os vícios carecem ou se excedem no que é certo tanto nas paixões quanto nas ações, a virtude encontra por prévia escolha a mediania (EN II, 6 1107a. 5).

A virtude tem a função de levar o homem à felicidade a partir de seu princípio racional, pois o que se espera de um homem virtuoso que coloca a sua racionalidade em prática é que ele seja feliz. Aristóteles para elucidar melhor o entendimento da opção pelas ações virtuosas coloca a mediania como sendo a atitude mais correta de seguir. Para tanto, o

homem não deve tender nem ao excesso nem a falta permanecendo assim no meio-termo. Eis o exemplo que caracteriza o meio-termo:

> É possível que alguém que esteja receoso ou confiante, sinta desejo, ira ou compaixão e experimente prazer e dor em geral, seja em excesso ou deficientemente e em ambos os casos, indevidamente, ao passo que experimentá-los oportunamente, em relação às coisas certas, para o propósito certo e da maneira certa, corresponde à justa medida, a qual é a marca da virtude (EN II, 6 1106b. 20).

O meio termo significa a igualdade entre ambas as partes, ou seja, é como se tanto o excesso quanto a falta levam ao erro, já a mediania que é o meio-termo é a maneira de encontrar o acerto.

## 2.4 A relação da *phronesis* com as virtudes morais e como meio de vida boa

Vimos que a virtude intelectual e a moral são diferentes. A *phronesis* é uma das excelências intelectuais que ajuda o ser humano a fazer as escolhas corretas, auxilia na hora de decidir, ela delibera sobre o contingente. Percebemos que ela agindo por si só não traz a verdadeira deliberação, para que isso ocorra da forma mais adequada precisa-se do auxílio da virtude moral. Sabemos que a excelência moral é um hábito de decisão, mas segundo (PERINE, 2006, p. 40), na hora de decidir ocorre uma união da virtude intelectual com a moral. Existem suas divergências, mas para que a ação do indivíduo seja a melhor possível uma precisa da outra, essas excelências agem de maneira conjunta.

A virtude moral que contém desejos e emoções, na verdade, só é possível aprimorar nossa capacidade desiderativa de maneira plena se a capacidade prática também for aperfeiçoada. Assim também acontece com a razão prática, a *phronesis* ou prudência, só é permitido se tiver uma perfeição da capacidade desiderativa.

> A faculdade desiderativa está bem constituída quando obedece à razão. a razão tem, por seu lado, suas próprias *aretai* (virtudes); aquela que se refere à deliberação ética é a *phronesis*. A *arete* ética e o bem agir que provem daquela, a *eupraxia*, só alcançam seu sentido pleno quando a *arete* ética e a *arete* intelectual da *phronesis* entram em acordo (WOLF, 2010, p. 66).

Percebemos assim que a razão opera no interior das virtudes morais, e de maneira especial a *phronesis*, uma ação só alcançará sua plenitude quando a excelência intelectual e a moral se unirem. A *phronesis* estando em unidade com a virtude moral realiza de forma perfeita a sua função (PERINE, 2006, p. 33).

A virtude moral se apresenta sob diferentes formas. Mas mesmo que essas virtudes morais sejam muito diferentes, "todas elas se encontram sob uma única caracterização geral, a saber, todas são medianias determinada racionalmente por uma razão prudente. E todas as virtudes, não apenas devem estar de acordo com a prudência, mas acompanhadas dela" (CAMPELO, 2014, p. 23). Estas virtudes se complementam existe uma ligação entre elas. "Há uma conexão entre a prudência e a virtude moral, não há virtude moral sem prudência, nem prudência sem virtude moral" (AUBENQUE, 2008, p. 103). Compreendemos assim que existe uma relação entre essas virtudes como confirma Campelo, "uma virtude moral em que não está presente a prudência não é, no sentido próprio uma virtude moral" (CAMPELO, 2014, p. 23).

A *phronesis* é um hábito cognitivo porque se encontra na parte intelectual da alma, mas é como se ela estivesse pressupondo, como se ela guiasse a parte irracional para conseguir uma melhor deliberação. "*Phronesis* é um estado habitual cognitivo, isto é, racional e, por isso, é uma virtude intelectual, que, contudo, pressupõe seja um estado desiderativo, portanto, não-racional" (PERINE, 2006, p. 28).

Através das virtudes morais nós sentimos e desejamos as coisas; a *phronesis* é a virtude que delibera de maneira correta em vista da realização das coisas que se deseja e se sente corretamente por razão da virtude moral (CAMPELO, 2014, p.23).

Embora virtude moral e prudência não sejam a mesma coisa, "a retidão das virtudes morais depende da prudência" (AUBENQUE, 2008, p. 76).

A virtude moral e a intelectual especialmente a *phronesis* são diferentes, realizam funções diferentes, no entanto elas capacitam o indivíduo a realizar essas diferentes funções, existe uma complementariedade entre elas, que se torna mais evidente quando declaramos as pessoas que possuem essas virtudes: "não é possível encontrar uma só pessoa, que seja verdadeiramente, virtuosa e não seja prudente; não é possível um prudente que não seja virtuoso" (CAMPELO, 2014, p.23).

A função da prudência é a união da experiência virtuosa do indivíduo. Por que tendo prudência ele terá também as virtudes morais. Por exemplo: uma ação pra ser bem realizada precisa da unificação entre a razão e a vontade. Desta forma a virtude colabora na busca da

felicidade de todo ser humano e quando o indivíduo entende a importância das ações, ele esforçar-se para procurar o meio termo (CAMPELO, 2014, P. 25)

No inicio do livro Aristóteles diz que toda a arte, ações, investigação e projetos querem no fundo alcançar um bem. Esse "bem é a finalidade de todas as coisas", mas só que a finalidade deste bem é diferente uma da outra (EN I, 1 1094a. 5). Nossas ações buscam diversas finalidades (EN I, 7 1097a.25).

Cada coisa tem sua própria função, a mão tem sua função, o pé tem a sua função, como as demais partes do corpo. Para Aristóteles a função do ser humano é o exercício das faculdades da alma em conformidade com a razão (EN I, 7 1098a. 10). Ora a ação que o homem tem de melhor é a atividade racional da alma. "Aristóteles acreditava verdadeiramente que a excelência do homem está na vida racional" (NODARI, 1997, p. 389). O bem está incluso nesta mesma faculdade da alma, o Estagirita diz que, o bem humano é exatamente uma ação das capacidades da alma em similaridade com a virtude (EN I, 7 1098a. 15).

Aristóteles busca um bem supremo, ele define esse bem como sendo a felicidade. A felicidade é uma condição da ação da alma (EN I, 9 1099b. 25). Felicidade e virtude andam juntas uma inclusa na outra não se separam. Segundo Aristóteles, nossas ações em similaridade com a virtude é que constitui a felicidade. "A felicidade é uma atividade da alma que se ajusta à virtude perfeita" (EN I, 13 1102a. 5).

O objetivo de Aristóteles é mostrar a forma como o indivíduo deve viver, para atingir a vida humana perfeita, e a prudência é um auxílio importante na busca desse objetivo. Uma vida feliz consiste, essencialmente, em viver e agir virtuosamente (CAMPELO, 2014, p. 23).

# 3 A VIDA BOA PARA ARISTÓTELES

No capítulo anterior refletimos sobre o conceito de *phronesis*; vimos sua importância na vida e na ação do homem para que ele faça suas escolhas de maneira correta; foi apresentada de forma breve à divisão da alma em irracional e racional e a partir dessa separação vimos que Aristóteles divide as virtudes em intelectual e moral. Apresentamos a relação da *phronesis* com as virtudes morais e ressaltamos a sua importância como um meio para ter uma vida boa. No presente capítulo vamos conceituar o que Aristóteles entende por felicidade; depois passaremos a tratar o que o Estagirita compreende por vida boa. Aristóteles nos apresenta três tipos de vida que o indivíduo busca: a vida baseada na busca do prazer, da política e a vida contemplativa, destacaremos cada uma delas, e concluiremos mostrando aquela que melhor pode levar o ser humano a uma verdadeira vida boa, feliz.

## 3.1 A felicidade segundo Aristóteles

No inicio da obra *Ética a Nicômaco,* o Estagirita levanta uma questão procurando saber o que é o bem e como nós podemos identificá-lo. Para Aristóteles esse bem é assunto da ciência política e é o que conduz uma verificação decisiva da ação. Para a maioria dos indivíduos sem instrução o bem está associado com a felicidade. No entanto, a felicidade tem as mais diversas opiniões possíveis, em muitos casos dependendo da situação uma mesma pessoa pode ter convicções diferentes. Por exemplo, uma pessoa que se encontra doente aponta que a felicidade é a saúde; se é pobre sente que é a riqueza e assim por diante. Mas apesar dessas divergências existem alguns que pensam que existe além destes bens um bem maior, auto-suficiente que é causa de todos os outros (EN I, 4 1095a.15-25).

Depois de reconhecer que há várias interpretações sobre o bem, Aristóteles passa a procurar o bem universal. Este bem tem que está relacionado com a finalidade que cada atividade deseja. Nas diferentes artes, o bem está conforme a virtude e com a função que cada uma realiza. "Na arte da medicina o bem é a saúde, na arquitetura é a construção, na estratégia é a vitória" (EN I, 1 1094a.5). Sendo assim todas as ações tem em vista um objeto a ser atingido que é a finalidade de cada coisa. Temos inúmeras finalidades, mas tem que haver um bem maior que seja buscado por si mesmo, porque muitas coisas são buscadas em função de outras. Essas coisas ou bens que são almejados dessa maneira são meios e não fins. O bem que Aristóteles nos apresenta é o bem supremo aos quais todos os outros se sujeitam. Este

bem deve ser final, isto é, escolhido por ele mesmo e não como um meio para atingir outra coisa qualquer. Deve ser suficiente por ele mesmo, isto é, torna, por ele mesmo, a vida digna de escolha.

A finalidade se apresenta como um bem em si mesmo desejado que é a felicidade. A felicidade como bem supremo para o homem está ligada a função própria do ser humano. A perfeição de cada coisa se encontra na função que desempenha. O bem para os seres expressa-se quando ele desempenha corretamente sua função própria (CORTINA e MARTÍZE, 2013, p. 58).

Aristóteles procura qual é a função do indivíduo, observando as plantas e os animais ele percebe que o homem compartilha desta vida, tem também em comum com os animais a sensação, percepção, logo ele tira a conclusão que a função do ser humano é algo que só ele possui e que o distinguem de todos os outros animais, essa função é a razão ou a virtude relacionada com a parte intelectiva da alma. Constatamos que a função própria do indivíduo está relacionada com a atividade da alma por meio da razão. Aristóteles nos diz que se for acrescentado uma habilidade a função, um homem e um homem bom ambos terão a função do mesmo gênero. Exemplo, se a função de quem toca flauta é tocar, a de um bom flautista é tocá-la bem (EN I, 7 1098a.5-10).

Percebe-se que a função do individuo vai está em conformidade com um modo de vida de acordo com as funções da alma, como declara: afirmamos que a função do indivíduo é um modo de vida formado pelas ações ou atividade da alma que supõe o uso da razão, e a atividade própria de um homem bom é o bom é o mais elevado exercício desta função, quando qualquer ação é bem executada de acordo com a forma de excelência adequada. Sendo assim percebemos aqui que a função própria do indivíduo, e o seu bem é viver de acordo com a faculdade da alma em conformidade com a virtude (EN I, 7 1098a.10-15).

Aristóteles diz que a felicidade é uma atividade da alma relacionada com à virtude perfeita (EN I, 13 1102a.5). Desta forma a felicidade está concatenada com as virtudes e com a função racional do ser humano e a vida feliz é aquela em que o indivíduo dirige seus atos pela virtude moral acompanhada da virtude intelectual que rege a vida prática, ou seja, a *phronesis*.

Feito esta explicação a respeito do que é a felicidade, vamos agora tratar sobre a vida boa. A maioria dos indivíduos caracterizam o bem, a vida boa com o prazer, por essa razão muitos procuram viver esse modo de vida deleitoso. Para podermos identificar o que é essa vida, Aristóteles nós indica três formas de vida, a vida do prazer, a política e a contemplativa.

Vamos fazer uma análise de cada uma e destacaremos a que melhor contribui para a perfeita realização do ser humano, ou seja, para a vida boa.

### 3.2 A vida em busca do prazer

Se formos fazer uma análise e observar o tipo de vida que cada ser humano leva, principalmente, os que levam uma vida comum, ordinária, a maioria deles, vai dizer ou identificar que a vida boa ou feliz é aquela repleta de prazeres, por esse motivo muitos amam e buscam a vida do aproveita, possuir (EN I, 5 1095b.15).

Muitas vezes, o prazer é visto como se fosse o próprio bem, e a maioria das pessoas diz que a vida boa, feliz supõe o prazer. Mas o prazer é algo natural, não há como ele ser a vida boa, o bem verdadeiro visto que:

> Algumas pessoas são da opinião de que prazer algum é um bem, quer em si mesmo, quer acidentalmente. Para elas bem e prazer não são idênticos. Outras sustentam que alguns prazeres são bens, porém a maioria deles são males. Uma terceira posição é a de que mesmo que todos os prazeres fossem bens, não é possível ser o prazer o bem mais excelente (EN VII, 11 1152b.10).

Percebe-se aqui que o prazer não é o mais importante, ele pode ser bom ou ruim, mas mesmo que seja algo bom não é ele que garante o supremo bem, a vida boa. Ele pode até trazer satisfações, mas não é possível identificá-lo como sendo realmente aquilo que traz o verdadeiro bem aos indivíduos.

Aristóteles diz que nem todos os prazeres são bons por dois motivos: temos os prazeres que são insignificantes no qual podemos fazer um julgamento e temos os prazeres que são prejudiciais (EN VII, 11 1152b. 20).

Com relação a esta vida repleta de prazeres o indivíduo que tem bom caráter, uma sabedoria mais elevada procura evitá-la porque enxerga nela uma vida que não o satisfaz por completo. De acordo com o Estagirita:

> Todo prazer é um processo perceptível a um estado natural, quando um processo e seu fim não podem pertencer a um gênero idêntico, do que é exemplo o processo de construção, que não é do mesmo gênero da casa que foi construída; o indivíduo moderado esquiva-se aos prazeres; o indivíduo prudente visa o que é isento de dor, não o prazeroso. Os prazeres constituem um obstáculo ao pensamento [...] não há nenhuma arte do prazer, quando todo bem é produzido por uma arte (EN VII, 11 1152b. 10-15).

Logo vê-se que, mesmo que o prazer esteja diretamente relacionado com a natureza humana as pessoas que são moderadas vão se prevenindo dos prazeres, os sábios fazem uma reflexão sobre o prazer evitando assim a dor em vez de buscar o deleite. O prazer não faz bem à razão, porque quando mais se desfruta dele, mas envolvido fica por ele tirando a capacidade de refletir.

O prazer vai nos acompanhar a vida inteira por isso essa questão de dizer se ele é bom ou não é uma discussão bastante complexa, em que cada um tem uma opinião diferente são várias as afirmações se ele é bom ou mau, sobre esta questão podemos observar que:

> Alguns sustentam que o prazer é o bem. Outros, pelo contrário, afirmam ser ele completamente mau – alguns entre estes talvez convictos disso, enquanto outros porque julgam melhor para a nossa vida apresentam essa imagem negativa do prazer mesmo que o prazer não seja mau (EN X, 1 1172a.30).

Quando Aristóteles diz que os prazeres não são bons, ele não está condenando o prazer, tanto que ele diz que há prazeres que não estão em conformidade com o sofrimento ou o desejo, como por exemplo, o prazer da contemplação (EN VII, 12 1152b.35).

Eudoxo, é discípulo de Platão, astrônomo e filosofo, ele dizia que o prazer é bom, porque todas as pessoas quanto os animais irracionais se dirigem ao prazer, se algo é desejado é porque é bom, isto indica que o prazer deve ser um bem. E se todos os seres se movem em direção de um mesmo objeto logo ele é bom para todos e o que todos os seres tendem, é o bem (EN X, 2 1172a. 10-15).

Os argumentos de Eudoxo tiveram grande aceitação, não pelo pensamento em si, mas sim por sua conduta, pois ele era conhecido como um homem profundamente prudente. Ele não afirmava o prazer porque era adepto ou defensor, mas porque essa era a verdade. Ele afirmava que o prazer é visto somente como algo a ser alcançado por si mesmo, e não como meio para outra coisa. Porque o prazer, quando agregado a qualquer bem, como os atos justos e moderados, torna-se mais digno de escolha, e o bem somente pode ser beneficiado pelo próprio bem (EN X, 2 1172a. 20-25).

O certo é que Aristóteles mesmo não condenado o prazer, ele entende que o bem não é o prazer, porque o ser humano que confina sua vida em busca de prazeres é um ser que se torna escravo do prazer, e por isso precisa ser orientado a mudar de direção procurando alcançar o equilíbrio (EN X, 1 1172a. 30). Ou seja, o indivíduo quem vive assim voltado para

o prazer acaba preso, por isso o prazer não pode ser o bem supremo que tanto procuramos para ter uma vida boa.

### 3.3 A vida política

Esta é a segunda forma de vida que Aristóteles nos apresenta, que é a vida do indivíduo na *polis*, participando através da política. *Polis* é a cidade-estado grega. É essencialmente uma comunidade de cidadãos, isto é, membros plenos de uma cidade (OLIVEIRA, 1997, p. 77). No início do livro o Estagirita se refere à política colocando-a no topo das ciências práticas, porque tem por objetivo o bem.

> É a política que determina quais ciências devem existir nos Estados, qual deve ser aprendida por cada classe de cidadãos. [...] ela estabelece leis quanto à conduta ( o que as pessoas devem e não devem fazer), sua finalidade terá que incluir as finalidades de todas as demais. Determina-se, com isso, ser o bem humano a sua finalidade (EN I, 2 1094b. 5).

Na visão de Aristóteles o indivíduo é um animal político, social, neste caso ele está destinado a viver em comunidade. A cidade como precedência sobre a família é a associação ou lugar com vistas a prover a necessidade de seus cidadãos com aquilo que eles necessitam. Aristóteles diz que o todo sempre é maior que as partes, e a cidade é auto-suficiente.

> É claro, portanto, que a cidade tem precedência por natureza sobre o indivíduo. De fato, se cada indivíduo separadamente não é auto-suficiente, consequentemente em relação à cidade ele é como as outras partes em relação a seu todo, e um homem incapaz de interagir-se numa comunidade, que seja auto-suficiente a ponto de não ter necessidade de fazê-lo, não é parte de uma cidade, por ser um animal selvagem ou um deus ( ARISTÓTELS, 2006, p.13).

Nesse caso se o ser humano não é um selvagem e nem auto-suficiente, quase como sendo um deus, deve por sua própria natureza se integrar a vida ativa na *polis*. "A *polis* para o Estagirita é o lugar da finalidade da ação política dos indivíduos" (SILVA, 2008, P. 58).

A função última da *polis* é precisamente o bem comum. Sabemos que o bem é identificado com a felicidade, devido ela ser a causa final. E a cidade deve ser considerada como aquela que propicia esse bem. O indivíduo deve caminhar buscando uma vida feliz, mas para isso ele precisa ser guiado pela virtude e pela justiça.

A *polis* é este lugar em que o cidadão deve exercer sua função da melhor maneira possível. "Um cidadão é aquele cuja especial característica é poder participar da administração da justiça e de cargos públicos" (ARISTÓTELES, 2006 p.73). O cidadão não fazia atividades do cotidiano para sobreviver, a sua função e dedicação eram exclusivas e dedicadas unicamente a ação política (BRUGBERA, 1998, p. 26). Aqueles que participam do corpo de jurados ou que são membros da assembleia na ágora também são cidadãos. Na *polis* grega o cidadão é aquele que é nascido filho de cidadãos ou que já atingiu este nível (ARISTÓTELES, 2006, p. 74).

Já que o cidadão são só aqueles que estão nas assembleias ou os que são nascidos de famílias que já tem cidadão, alguns necessariamente serão excluídos. Os escravos e os estrangeiros não são considerados cidadãos, apenas fazem parte da *polis* (ARISTÓTELES, 2006, p. 73). Assim fica evidente que o exercício da cidadania entre os gregos era limitado a poucas pessoas.

Feito esta ressalva, sabemos que a *polis* é auto-suficiente, ela busca o bem, a felicidade ou vida boa para os cidadãos. A felicidade ou vida boa foi definida como tranquila, viver bem, se dá bem, ou seja, é realizar-se plenamente atualizando capacidades (ROSS, 1987, p. 196). Agora para que esse bem seja alcançado só existe um meio: ''considerar a sociedade e a vida política'', porque é o Estado que deve assegurar, pelo meio da lei, a igualdade entre os cidadãos (OLIVEIRA, 1993, p. 79).

Sendo assim vemos que é o Estado e a sociedade que possibilitam o indivíduo a realizar-se plenamente e não deve deixar que ninguém fique excluído.

> A *polis* é essencial uma comunidade de cidadãos, isto é, de pessoas que são membros plenos da cidade, e não simplesmente dos que moram na cidade. Fazer alguém cidadão significa conferir-lhe o direito de cidadania, que consiste fundamentalmente na participação, na jurisdição e na legislação. A vida política é a forma de vida do cidadão. A *polis* enquanto comunidade de cidadãos, é para Aristóteles, a comunidade de homens livres, pois o próprio da polis é possibilitar a liberdade dos cidadãos, é garantir essa liberdade (OLIVEIRA, 1993, p. 80).

Aristóteles, observando e fazendo um exame sobre esses tipos de vida diz que "pessoas refinadas e de ação pensam que o bem é a honra, pois pode-se dizer ser essa a finalidade da vida política" (EN I, 5 1095b. 25). Mas segundo o Estagirita, isso é muito raso para ser a vida que estamos buscando, porque segundo ele as honras dependem mais daqueles

que as concebem do que daqueles que as recebem, enquanto que o bem supremo é algo maior que as honras que vem através da ação política (EN I 5 1095b. 25).

Aristóteles exalta a vida prática através da ação política, é uma vida boa, mas no entanto ela ainda não é a vida plena que procuramos, porque apesar dessa vida política ser boa ela precisa de algumas coisas, o cidadão necessita de algumas qualidades.

### 3.4 A vida contemplativa

Tendo analisado essas duas formas de vida apresentadas por Aristóteles, vimos que a vida na busca do prazer mesmo sendo agradável ou às vezes associada com a felicidade, ainda não é o bem supremo, não traz a vida boa que procuramos. Já a vida política na polis agindo de forma justa, está entre as melhores, mas Aristóteles procura outra forma de vida que está além desta, que é a vida contemplativa ou teórica. Já sabemos que "a felicidade é uma atividade da alma que se ajusta à virtude perfeita" (EN I, 13 1102a.5). A vida boa feliz vai está diretamente relacionada com as virtudes, moral, mas principalmente com a excelência intelectual, porque viver esta vida requer muito esforço.

Sabemos que a virtude intelectual e a moral são diferentes uma da outra. No livro VI, da obra *Ética a Nicômaco*, tratamos das virtudes intelectuais e vimos que elas estão relacionadas diretamente com a felicidade. A *phronesis* é a virtude da ação prática e a sabedoria é a excelência da ação teórica, mas tanto a sabedoria teórica quanto a prática são boas em si mesmas.

Analisando esta vida contemplativa e procurando descobrir o que ela tem de melhor do que as outras e qual a relação dela com a razão que é aquilo que temos de melhor. O Estagirita diz com relação à vida contemplativa que:

> Essa é a forma mais elevada de atividade (uma vez que o intelecto é o que há de mais superior encerrado em nós e os objetos do intelecto, entre os objetos cognoscíveis, são os mais elevados) e também é a mais contínua, pois somos capazes de especular com mais continuidade do que executar qualquer ação (EN X, 7 1177a. 20).

Essa é uma das melhores vidas que o ser humano pode busca porque parece que as outras duas formas de vida ele procura querendo usufruir de algo, esta se configura como sendo uma vida amada por ela mesma, não provem nada ao não ser a contemplação. "Se o intelecto é algo divino relativamente ao ser humano, a vida segundo ele é divina relativamente

à vida humana" (EN X, 7 1177b.30). Ou seja, uma vida como esta é a mais elevada que o indivíduo pode encontrar é como se algo de divino estivesse presente nele.

Aristóteles nos apresenta essa vida contemplativa como sendo a vida perfeita, boa, porque ela está ligada diretamente com objetos inteligíveis do mundo teórico. Ela está em conformidade com a alma racional que é a melhor parte que o indivíduo possui. A felicidade ou vida boa é aquela que está em conformidade continuamente com o prazer, mas que a maior causa do prazer é a contemplação. A contemplação eleva o ser humano ao divino, o eterno, e esta é a melhor ação que só é possível mediante a razão teórica, tendo como comandante a virtude da sabedoria (CHAUÍ, 2002, p. 457). A razão é apresentada como divina, ou seja, como a melhor parte do indivíduo.

A contemplação é própria do ser humano, faz parte de seu ser; é uma das melhores partes que o constituem. Aquilo que é próprio de cada coisa é naturalmente o que há de melhor e mais agradável para ela, sendo assim para o indivíduo a vida de acordo com o intelecto é a melhor e mais agradável (EN X, 7 1178a. 5 ). Logo percebemos que a vida boa, feliz, é a vida em conformidade com o intelecto.

# 4 A IMPORTÂNCIA DA *PHRONESIS* PARA ALCANÇAR A FELICIDADE.

Nos capítulos anteriores fizemos uma exposição sobre o conceito de *phronesis*, vimos que a alma possui duas partes, uma racional e outra irracional. Estudamos a respeito da concepção aristotélica das virtudes que são de duas espécies: as morais, que estão ligadas aos hábitos ou sentimentos do indivíduo e as intelectuais, sendo uma disposição prática para deliberar bem diante das situações. Enfatizamos de maneira especial a *phronesis* e vimos que ela é a maneira pela qual o ser humano é capaz de agir corretamente. Depois fizemos uma relação da *phronesis* que é uma virtude intelectual com a virtude moral mostrando também sua importância como um meio de vida boa. No segundo capítulo, tratamos sobre o conceito de felicidade segundo a concepção de Aristóteles. Vimos o que o Estagirita entende por vida boa, feliz, destacando três formas de vida: a vida fundamentada no prazer, na política e a contemplativa. No presente capítulo vamos ver a maneira de entender a *phronesis*; depois passaremos a tratar da relação das virtudes morais e intelectuais com a felicidade; e concluiremos apresentando a *phronesis* como meio para alcançar a felicidade.

## 4.1 A forma de entender a *phronesis*

O indivíduo dentro do mundo da deliberação, o sensato é aquele que calcula, que pensa, que reflete e só depois realiza a ação, mas só se pode fazer quando a ação é presente, porque é inconcebível deliberar sobre as coisas que já ocorreram, devido elas saírem do campo daquilo que pode ser diferente. Portanto, a escolha não se dá sobre coisas que já passaram, porque nenhuma pessoa delibera quanto ao passado, mas só sobre o que ainda vai acontecer; porque o que já aconteceu não tem como desacontecer (EN VI, 2 1139b. 5). Ou seja, nós não podemos deliberar sobre tudo, mas somente a respeito daquilo que depende de nós, que está sobre o nosso alcance.

As ações que o indivíduo realiza devem conduzí-lo a agir tendo como meta uma finalidade, que é a felicidade, que é o fim último do ser humano. Para esse fim a *phronesis* ou prudência exerce uma função muito importante, porque através dela o indivíduo saberá estabelecer as melhores escolhas. "O prudente determina o que é necessário escolher e o que é necessário evitar" (COMTE-SPONVILLE, 2009, p. 41). O prudente é o indivíduo que está apto a deliberar bem e o resultado dessa boa deliberação é que ele age e escolhe bem de

maneira correta. Agora, se o indivíduo age de maneira oposta, deixando-se levar por vícios dos prazeres e dores, ele não será capaz de alcançar este bem.

> Com efeito, o prazer e a dor não destroem todas as conjecturas. [...] De fato, os princípios do que é realizado constituem o fim para o qual nossos atos servem de meios; alguém, contudo, corrompido diretamente pelo prazer ou pela dor não consegue, de modo algum, ver claramente qualquer princípio e perceber que deve escolher e realizar tudo a título de um meio para esse fim e que sirva a esse fim; com efeito, o vício aniquila o princípio. (EN VI, 5 1140b.15).

A deliberação prudente acontece a respeito daquilo que é permitido práticar, sua finalidade é tornar concreta a deliberação feita. Por essa razão, o indivíduo prudente é a pessoa que exclusivamente delibera bem, é o ser humano que, baseado no cálculo, é capaz de direcionar-se aos bens mais admiráveis e humanamente praticáveis através da ação (EN VI, 7 1141b. 10). Logo se percebe que a deliberação prudente refere-se a coisas humanas baseadas em procurar os meios para alcançar um fim que é apresentado. Ao deliberar o indivíduo está procurando entre os meios possíveis qual é o melhor, porque a deliberação reunir os meios eficientes em consequência de fins praticáveis.

Na elaboração da apresentação das virtudes, Aristóteles de maneira especifica no que diz respeito à *phronesis*, utiliza como critério, especialmente uma linguagem com a finalidade de afirmar o que a coisa não é. ''Poderíamos reconhecer nesse processo, que procede menos por determinações positivas que por exclusão progressiva do que a prudência não é, uma aplicação do célebre método platônico da divisão'' (AUBENQUE, 2008, p. 62).

Para desenvolver a compreensão a respeito da *phronesis* Aristóteles utiliza alguns exemplos concretos, de pessoas que ele chamou de *phronimos*. "A melhor forma de compreender o que é a prudência, é considerar como ponto de partida não a essência desse conceito, mas um tipo de homem que todos nós sabemos reconhecer. Este homem é o *phronimos* (CAMPELO, 2014, p. 27). Essas pessoas são alicerces sobre o qual ele destaca a forma de como se tem *phronesis*. "[...] consta-se que é chamado *phronimos* o homem capaz de deliberação; lembra-se que só se delibera sobre o contingente, enquanto a ciência diz respeito ao necessário, portanto a *phronesis* não é ciência" (AUBENQUE, 2008, p. 61).

Entre as várias influências que seu modo de refletir infundiu na filosofia, uma de suas características relevantes são os conceitos baseados no exemplo de pessoas concretas.

> Aristóteles é, ao menos tanto o iniciador de um gênero literário, o dos Caracteres, o qual será ilustrado por seu discípulo Teofrasto, ou como se quererá o primeiro representante de uma ética "fenomenológica'' e descritiva, quanto o fundador de um sistema de uma filosofia moral (AUBENQUE, 2008, p. 66).

Aristóteles ao mostrar a *phronesis* em seu aspecto próprio que é a prática, apresenta no cerne de sua ideia exemplos próximos ao leitor, apresenta a aplicação do que diz: ''O método dos tipos é, finalmente, apenas um subtítulo imperfeito lá onde a essência não pode ser atingida pelo método lógico da divisão do gênero segundo as diferenças'' (AUBENQUE, 2008, p. 68).

Independentemente de sua particularidade prática, a *phronesis* contem no seu desenvolvimento uma fase de estruturação racional, porque é através dela que o indivíduo fará bem suas escolhas. "O *phronimos* designa, pois, o homem de contemplação ou, ao menos, aquele que extrai a Norma transcendente de toda ação, tendo contemplado a ordem da natureza e da Verdade" (AUBENQUE, 2008, p. 72).

O *phronimos* é o indivíduo que já se habituou a fazer as escolhas de maneira certa, ele toma para si um comportamento de sempre calcular e sendo virtuoso é capaz de se tornar um indivíduo prudente. "O *phronimos* só é privilegiado pela exatidão de seu saber; o *phronimos* não é a reta regra, ele a segue" (AUBENQUE, 2008, p. 72).

A *phronesis* é a capacidade prática que o indivíduo possui para fazer, calcular e refletir com o intuito de escolher bem as coisas. Ela está concatenada com a realidade contingente, direciona ao próprio agir humano, é uma virtude prática e se relaciona diretamente com o cotidiano do homem. Através dela o indivíduo é capaz de deliberar corretamente bem e permite-se, enfim, ser conduzido na prática das virtudes.

## 4.2 Relação das virtudes morais e intelectuais com a felicidade

"Aristóteles diz que existe um fim para cada ação que praticamos e que o bem final a qual todas as coisas tendem e ao qual procuramos sobre tudo que fazemos é a felicidade" (CERQUEIRA, 2014, p. 21). Sendo assim entendemos que há um fim para cada atividade, compreendemos logo de início que existe um bem em vista do qual tudo mais é feito. Essa felicidade que todos nós buscamos é algo que traz realização, é um fim que nós buscamos por ele mesmo.

> A felicidade é, então, o fim último e perfeito, isto que é, jamais visto em vista de outra coisa. Mas é sempre em vista dela que o homem faz todo o resto. É um bem supremo e final que torna o homem feliz. A felicidade faz parte dos bens excelentes e perfeitos e ela é o princípio em vista do qual nós fazemos todos os nossos atos (NODARI, 1997, p. 388).

A finalidade última do ser humano é alcançar a felicidade. Em busca de compreender o que seja a felicidade Aristóteles se depara com a necessidade de compreender a virtude, pois segundo ele a felicidade se apresenta como uma atividade da alma segundo a virtude. Como diz Silva, "para o indivíduo atingir o fim último ou a felicidade, o meio é a virtude" (SILVA, 2008, p. 32). Cada pedaço do mundo tem um papel, uma finalidade, uma função. O ser humano também tem um papel, uma função como as demais coisas, e estamos no mundo para desenvolver essa finalidade. Por isso temos que desenvolvê-la e aperfeiçoá-la para sermos felizes. Essa função é uma atividade da alma. Por isso é importante ver como a alma está dividida.

Já sabemos que o Estagirita dividiu a alma em duas partes: irracional e racional. Essa parte irracional tem uma divisão dentro dela mesma. Uma é a vegetativa que é comum a todos os seres vivos porque é responsável pelo princípio elementar da vida, da nutrição, do crescimento e da reprodução. Essa parte da alma é dessa forma responsável pela geração e perpetuação da espécie e manutenção da vida. A outra parte irracional é a sensitiva, responsável pelo desejo, pelo apetite consoante a potência desiderativa, esta em certo modo tem uma participação na razão (EN I, 13 1102b. 5-15).

Desse modo, percebemos que a parte irracional é formada por duas partes, sendo que essa última pode ser persuadida pela razão, ou seja, pode lhe escutar e obedecer, é nesse sentido que compreendemos que ela participa da razão.

Quanto à parte racional, nessa também existe uma divisão no seu interior podemos destacá-la assim:

> A alma racional é para Aristóteles o que denota o que o homem tem de melhor e é a parte mais perfeita. A parte racional tem como função o conhecimento das realidades universais, mutáveis e, portanto, necessárias. Uma dessas partes está voltada para o universal e está, portanto direcionada a realidades invariáveis do conhecimento do imutável, e a outra parte está voltada para ação prática. Esta parte é chamada de razão deliberada e está relacionada com os fins da boa ação que leva em consideração o bem último. A faculdade da razão deliberativa é identificada como uma virtude intelectual da maior grandeza para a filosofia prática de Aristóteles, que é a *phronesis* ou prudência (SILVA, 2008, p. 24).

Aqui encontramos a parte específica que é do ser humano, raciocinar, nesta parte encontramos as virtudes da razão, de modo especial aquela que está concatenada com a ação humana na busca do fim último, que é a que determina nossos atos virtuosos.

Dada esta divisão da alma passemos para as virtudes, bem já vimos no início deste trabalho que as virtudes estão divididas em duas espécies: morais e intelectuais. Segundo Aristóteles, a virtude é uma aptidão específica que está em conformidade com a escolha de ações e paixões, e expressa-se em uma medida, ou seja, a medida referente a nós, que é estabelecida primeiramente por convicções racionais exclusivas de um indivíduo provido de inteligência prática. É um equilíbrio no meio de dois vícios um por exagero e outro por ausência, uma vez que nos vícios ou temos exageros ou ausência daquilo que é próprio que se relacionam as ações e as paixões, enquanto que a virtude localiza-se e prefere o intermediário (EN II, 6 1107a. 5).

Esse meio-termo é importante porque aqui nós encontramos uma forma de vida, em que o indivíduo usará a razão para fazer escolhas.

> Este meio-termo em que se encontra a virtude é essencial para a pessoa que quer ter uma vida saudável e feliz, pela razão que, os extremos não são dignos de louvores, mas de corte. Por exemplo, o homem não pode se envergonhar de tudo, e nem ser despudorado, e sim modesto. Em relação ao dinheiro, não pode ser pródigo nem mesquinho, mas sim, livre ou magnificente (PINTO, 2010, p. 9).

A felicidade para o Estagirita corresponde ao hábito continuado da prática da virtude. Por sua própria natureza os homens buscam o bem e a felicidade, mas esta busca só pode ser alcançada pela virtude. É como se a virtude fosse uma excelência. E é somente através do nosso caráter que atingimos a excelência. A boa conduta, a força do espírito, a força da vontade guiada pela razão nos leva a excelência. Dessa forma, a felicidade está ligada a uma sabedoria prática, a de saber fazer escolhas racionais na vida. É feliz aquele que escolhe o que é mais adequado para si.

Para Aristóteles a felicidade ou bem supremo, não se encontra na atividade da alma vegetativa ou sensitiva ou em uma atividade relacionada ao corpo. Mas sim em uma atividade da alma racional que é própria do ser humano (EN I, 7 1098a. 5).

Nesse caso, o indivíduo será feliz seguindo esta atividade que é própria dele, exercendo isso da melhor maneira possível. É bom também não confundirmos a felicidade com a virtude, a felicidade vem das práticas da virtude.

> Para que o homem seja feliz, é necessário que ele acompanhe sua atividade própria de homem e não de qualquer maneira, mas da melhor maneira, isto é, bem. Ora só acompanha bem sua atividade própria se colocar em atividade a virtude, pois a virtude não é acréscimo que se coloca em atividade, porque a vida segundo é evidentemente parte integrante do acabamento da natureza humana. E para que o homem se coloque em atividade da virtude , é necessário que ela se desenvolva. [...] A virtude constitui a excelência do homem, mas ainda não é o soberano bem. A felicidade não consiste propriamente na virtude, mas na atividade da virtude, na vida racional, para a qual a virtude nos dispõe. A alma humana encontra na prática das virtudes, na atividade de suas faculdades racionais a satisfação por excelência (NODARI, 1997, p. 391).

Existe uma relação entre as virtudes morais e intelectuais, pois todas elas são importantes na busca da felicidade. A virtude moral faz parte da alma vegetativa, apetitiva, sensitiva, mas a sua atividade está em consonância com a virtude prática deliberativa *phronesis*, nesse caso ela passa a ser parte integrante na edificação da felicidade. "A virtude moral não é somente uma condição para a realização da *eudaimonia*, mas é, também, parte constitutiva da *eudaimonia*" (CERQUEIRA, 2014, pp. 100-101).

Desta forma a felicidade está concatenada com as virtudes e com a função racional do ser humano e a vida feliz é aquela em que o indivíduo dirige seus atos pela virtude moral acompanhada da virtude intelectual que rege a vida prática, ou seja, a *phronesis*. Por isso Aristóteles diz que a felicidade é uma ação da alma em conformidade com a virtude (EN I, 13 1102a.5).

A felicidade é o fim supremo do homem que deve alcançá-la através de suas ações e de sua razão. A felicidade é um fim desejado e conferido ao ser humano exatamente devido a sua capacidade de raciocinar, porque através de nossos atos alcançamos aquilo que queremos ter e isso pode contribuir para a felicidade. Como indivíduos racionais a nossa missão é alcançar, conquistar, conservar a felicidade (CERQUEIRA, 2014, p. 24).

Ela está relacionada com as virtudes, é preciso viver segundo a razão, que é uma atividade da alma, em consonância com as virtudes intelectuais e morais (PINTO, 2010, p. 3). "As virtudes fazem parte do conjunto que formam o bem supremo". A felicidade é um conjunto de bens em que está relacionada às virtudes da alma moral e intelectual (CERQUEIRA, 2014, pp. 38-39).

### 4.3 A *phronesis* como meio para alcançar a felicidade

A felicidade é o bem supremo e ela se basta a se mesma, só que Aristóteles constatou que cada ser humano tem um conceito de felicidade diferente, ele quer fugir e vencer o subjetivismo, dizendo que para encontrar está felicidade, o indivíduo tem que executar a sua atividade principal que é raciocinar.

> A felicidade é, por conseguinte, o supremo bem, o bem perfeito que basta a si mesmo e o único capaz de nos completar. Porem observando atentamente a vida humana, Aristóteles percebeu que cada um tinha seu próprio conceito de felicidade. Para fugir e superar o subjetivismo Aristóteles tem a missão de encontrar qual é a atividade própria do homem. Ora, a atividade própria do homem é a atividade racional da alma. Aristóteles acreditava verdadeiramente que a excelência do homem está na vida racional (NODARI, 1997, p. 388-389).

O indivíduo procura a felicidade, mas ela só virá através da razão, da reflexão. Nós somos seres racionais por natureza, por isso precisamos colocar a razão em prática para atingirmos o bem supremo, a respeito disso:

> Os homens querem a felicidade. Se nós somos, por nossa forma natural, seres racionais, então, é claro que o fim natural será agir segundo a razão. todo fundamento da moral aristotélica está nessa proposição, pois aos olhos da Aristóteles, o homem só é feliz quando realiza isto pelo e para o qual ele é feito. [...] Fora dessa atividade segundo a razão, comandada pela nossa natureza de homem, não é possível entender a felicidade. Esta, portanto, consiste essencialmente numa atividade conforme a razão e a natureza humana (NODARI, 1997, p. 389).

Percebemos que a felicidade é uma ação prática da razão. O que há de melhor no ser humano é a capacidade de pensar, ela é o nosso melhor guia. Se a principal característica do indivíduo é pensar, então esta é sua melhor virtude, portanto reside nela à felicidade humana.

A virtude é um estado habitual que guia nossas ações, decisões, e isto implica que devemos procurar a o meio-termo ou justo meio relativos a nós cuja norma nos é dada a partir de um princípio racional própria do indivíduo dotado de sabedoria prática (EN II, 6 1107a. 5).

Vimos, anteriormente, que a felicidade se apresenta como uma atividade da alma, mas Aristóteles disse que essa atividade não se encontra na parte irracional da alma, mas sim na alma racional. Sabemos que ambas contribuem para a felicidade, mas nos determos de maneira especial à alma intelectual prática, *phronesis*.

A finalidade da vida do individuo é alcançar a felicidade. E para se alcançar a felicidade é preciso viver racionalmente.

> O que faz a marca específica do homem é o pensamento e a razão que o segue. É a atividade intelectual. Nesta encontra-se a fonte principal das alegrias do homem, ou seja, a fonte donde provém a verdadeira felicidade. Com efeito, a felicidade do homem consiste no apreçamento da atividade que lhe é própria, ou seja, na atividade segundo a razão. Portanto, para ser feliz, o homem deve viver pela inteligência e segundo a inteligência (NODARI, 1997, p. 390).

Sendo assim, o ser humano que quer viver bem, feliz, deve levar uma vida segundo a atividade racional, é como se a essência do indivíduo se encontrasse na razão.

O indivíduo tem em vista a felicidade, mas este bem só será alcançado mediante a realização da sua própria atividade de ser humano, a razão. A virtude intelectual é o princípio da felicidade. Sua intenção é aperfeiçoar o indivíduo, para que ele seja feliz.

Por meio da capacidade racional nós podemos ser felizes, porque ela nos dá a capacidade der sermos prudentes em nossas ações, de escolhermos os meios mais adequados para alcançarmos o fim ou felicidade.

> O homem por possuir razão, isto lhe dá condições de ser feliz, condição esta que somente é proporcionada ao ser humano, por isso, a *eudaimonia* é o bem maior, já que esta se constitui em viver e agir (racionalmente) bem. Portanto, quando conseguimos realizar as nossas ações através da prudência nós somos conduzidos efetivamente ao fim, que é a felicidade (CERQUEIRA, 2014, p. 44).

A felicidade é própria. Somente ao ser humano porque só ele tem razão para pensar em suas ações por isso é o bem maior que tem como fundamento raciocinar para fazer escolhas certas.

Estamos percebendo que a ação mais importante do ser humano é a ação de raciocinar, refletir. Mas a atividade intelectiva não é somente uma pura reflexão teórica, abstrata, mas consiste também em uma sabedoria prática, *phronesis*, ela também faz parte da ação que é própria do ser humano.

> A *phronesis* ou prudência também vertida como discernimento é uma virtude de suma importância. A *phronesis* diz respeito à função própria do homem que é por um lado teórico e por outro prático. Pois bem, a virtude que incide na escolha dos meios mais eficazes para atingir o fim desejado deve ter o papel de maior grandeza, pois sem ela não seria possível raciocinar sobre possibilidades com vistas a atingir o fim (SILVA, 2014, p. 41).

A *phronesis* faz parte da ação que é própria do indivíduo (a razão) porque ela é uma virtude intelectual que consegue unir teórico e prático, ela procura interferir nas nossas escolhas e auxilia-nos para atingirmos através dos meios mais convenientes o melhor fim. "A *phronesis* é uma virtude intelectual ligada à nossa capacidade racional, que por sua vez atua nas nossas escolhas para que tenhamos uma boa ação" (CERQUEIRA, 2014, p. 107). A *phronesis* acontece na ação humana, para fazemos uma boa escolha dependemos dela.

Como vimos no inicio deste trabalho a função da virtude é elevar o indivíduo à felicidade por meio de seu princípio racional. A *phronesis* faz parte da principal atividade humana, pois orienta as virtudes morais, proporcionando ao ser humano o caráter para controlar os apetites, desejos e sentimentos. A *phronesis* nos ajuda a deliberar de modo correto, apresentando o que é mais adequado para cada instante na vida, e contribui nos momentos em que é preciso refletir (CORTINA e MARTÍNEZ, 2013, p. 59), pois esta relacionada com o agir e com os meios para escolha de algo.

A *phronesis* é importante para alcançar a felicidade porque ela é a faculdade que analisa, discernir, calcula. Ela permite distinguir o que é bom ou mau; distinguir vícios de virtudes. Ela permite fazer escolhas pertinentes para a felicidade do ser humano.

# 5 CONCLUSÃO

O objetivo deste trabalho foi fazer uma reflexão da *phronesis* e a vida feliz em Aristóteles, baseada na obra *Ética a Nicômaco*, mostrando a importância da *phronesis* como meio para alcançar a felicidade.

Aristóteles identifica na alma a parte principal do ser humano. A alma foi vista por ele como composta por duas partes, a irracional, que se divide em vegetativa e sensitiva, e a racional que se classifica em teórica e prática. A vegetativa tem como função a nutrição, o crescimento, a reprodução, em suma, cuida das funções vitais. A sensitiva tem como função a percepção, o desejo que em certo modo participa da razão. A racional é aquela que tem como função o conhecimento teórico (imutável) e prático (mutável) que é responsável pela ação regida pela *phronesis*.

O conhecimento da alma e de suas funções é fundamental para entendermos as virtudes e a função do indivíduo. Com efeito, é pela alma que o indivíduo é definido como animal racional. Só podemos compreender as virtudes à luz dessa divisão, porque Aristóteles faz a dedução dos tipos de virtudes a partir das partes da alma. O Estagirita, segundo o que vimos, separou as virtudes em dois grupos: as virtudes morais que são aprendidas pelo hábito, pela prática, elas estão relacionadas com as ações e as paixões; e as intelectuais que são adquiridas pela instrução, pelo ensino, e estão relacionadas com a parte racional da alma.

A virtude para Aristóteles é entendida como uma disposição de caráter concatenada com a escolha de coisa boas e expressa-se num meio-termo, referente a nós, que é definido por um princípio racional próprio do indivíduo dotado de sabedoria prática. O meio-termo é uma equidistante entre dois extremos que são vícios, um pela falta e outro pelo excesso. Tomemos o exemplo da coragem que é um meio-termo equidistante entre a covardia e a temeridade.

Aristóteles compreende a *phronesis* como uma virtude intelectual prática, que diz respeito à ação humana, que calcula, delibera sobre o variável, buscando o mais adequado para atingir o fim.

O Estagirita também evidencia que, apesar da divisão das virtudes em morais e intelectuais, elas têm uma relação mútua de unidade em que uma precisa da outra, em especial a *phronesis* que auxilia o ser humano na hora de deliberar sobre o contingente. Elas só se separam para realizarem cada uma sua função, mas na hora de decidir, elas trabalham de maneira conjunta, ocorre uma união dessas virtudes.

Aristóteles falou de um bem, ele disse que tudo o que fazemos é para alcançarmos esse bem. No entanto temos muitos bens. O Estagirita, contudo afirmou que existe um que é maior e mais superior que todos esses outros, e que é o fim último que todo indivíduo procura. Esse bem último será a felicidade ou *eudaimonia*.

Procurando fugir do relativismo, Aristóteles diz que esse bem só pode ser alcançado por meio de uma função, a razão. É através dela que o indivíduo alcançará o bem supremo que tanto procura. Porque, ainda segundo o Estagirita, a felicidade não está nas riquezas, nos prazeres, nas honras, mas numa atividade da alma em conformidade com a virtude. A felicidade passa tanto pela função racional como pela ação das virtudes, não se pode pensar felicidade fora desses dois âmbitos. A virtude capacita o indivíduo a viver uma vida verdadeiramente feliz. Se o ser humano quer ser feliz terá que viver segundo a razão e praticando a virtude.

Depois de termos analisado a divisão da alma e suas funções, o bem último do ser humano, a fundamentação das virtudes morais e intelectuais e a relação entre ambas, vimos que Aristóteles descreveu três formas de vida: a vida em busca do prazer, a vida ativa pela participação política e a vida contemplativa. Destas três parece que a última é a mais importante. Não que as outras formas de vida não prestem, elas têm sua importância, mas a contemplativa é a melhor, pois coloca o homem em contato com o que ele tem de melhor.

A *phronesis* é a responsável por guiar as nossas escolhas e conduzi-las para um fim bom. Ela proporciona ao indivíduo deliberar de forma correta e conduzir-se de maneira virtuosa, tornando o ser humano uma pessoa capaz de decidir sobre os melhores meios, sempre fazendo uso da razão, orientando a vida de maneira correta. Por isso é possível pensá-la como meio para alcançar a felicidade. Dentre as funções da virtude, a mais importante delas é elevar o indivíduo à felicidade, tendo como base seu princípio racional. E a *phronesis* é a virtude da razão que propicia e orienta a ação humana propiciando felicidade.

Com esse trabalho foi possível ver o valor essencial que as virtudes possuem na vida do ser humano. A virtude não é a felicidade, mas é meio que conduz para esse fim. Ela por si só não torna o indivíduo bom, mas é através da prática de tomar decisões virtuosas que ele se capacita para tornar-se bom e virtuoso. De fato, é possível alcançar a felicidade através das virtudes.

Vimos que o Estagirita colocou a *phronesis* como uma virtude de fundamental importância na busca pela felicidade, porque ela intervém, analisa, calcula, dirige a ação e faz as melhores escolhas sempre com vista ao fim último. Desse modo podemos afirmar que a

*phronesis* é um caminho que conduz para a felicidade humana, porque ela guia o indivíduo em sua conduta para fazer e refletir aquilo que é bom, correto.

# REFERÊNCIAS


ARISTÓTELES. **Política**. Trad. De Nestor Silveira Chaves. São Paulo: Escala Educacional, (Serie Filosofar), 2006.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Trad. Edson Bini. 4. ed. São Paulo: Edipro, 2014.

AUBENQUE, Pierre. **A prudência em Aristóteles.** Tra. Maria Lopes. 2. ed. São Paulo: Paulus,2008.

BRUGNERA, Nedilson Lauro. **A escravidão em Aristóteles**. Porto Alegre: Grifos, 1998. (Coleção Filosofia; n. 79).

CAMPELO, Olivia Melo. A prudência Aristotélica. **Revista Jurídica Eletrônica da Universidade Federal do Piauí,** Teresina-Pi, v. 02, n. 02, p. 22, julho/ Dezembro 2015. Disponível em: << http//revistas.ufpi.br/index.php/raj/article/view/3341>>. Acesso em: 10/04/2016.

CERQUEIRA, Santos Ianna. **A *Phronesis* (Prudência) como condição necessária para a realização da *Eudaimonia* (Felicidade)**. 2014. 141 f. dissertação (mestrado) – universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-graduação em Filosofia, Florianópolis SC. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/158373/336680.pdf?sequence=1&isAllowed=y . Acesso em 01.11.16.

CHAUI, Marilena. **Introdução à história da filosofia**: dos pré-socráticos a Aristóteles. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Companhia da Letras, 2002. v. 1.

COMTE-SPONVILLE, André. **Pequeno tratado das grandes virtudes**. Tra. Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

CORTINA, Adela; MARTÍNEZ, Emilio. **Ética.** Tra. Silvana Cobucci Leite. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

NODARI, Paulo Cesar. **A ética aristotélica. Síntese Nova Fase**, UFGM Belo Horizonte, v. 24, n. 78, p. 383-410, 1997. Disponível em: <<http://fje.edu.br/periodicos2/index/php/Síntese/article/view/722/1149>>. Acesso em: 18/04/2016.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. **Ética e sociabilidade**. São Paulo: Loyola, 1993. (Coleção Filosofia, n. 25).

PERINE, Marcelo. **Quatro lições sobre a ética de Aristóteles**. São Paulo: Loyola, 2006.

PINTO, Elias Fernandes. **Revista Filosofia Capital** RFC ISSN 1982 6613, Brasília, v. 05, n. 11, p. 03-12, julho/ 2010. Disponível em: << http://www.filosofiacapital.org/ojs 2.1.1/index.php/filosofiacapital/article/view/132/116. Acesso em 09.03. 2016.

ROSS, David. **Aristóteles**. Tra. Luis Filipe Bragança. S.S. Teixeira. Lisboa: Dom Quixote, 1987.

SILVA, Sandro, Luiz da. **A ética das virtudes de Aristóteles.** 2008. 76f. dissertação (mestrado) –Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-graduação em Filosofia, São Leopoldo. Disponível em: << http://www.pucrs.br/edipucrs/XISalaolC/CienciasHumanas/Filosofia/84436-LEANDRO SEVERINODASILVA.pdf. >> Acesso em 27.09.2016.

WOLF, Ursula. **A Ética a Nicômaco de Aristóteles.** São Paulo: Loyola, 2010.